

## Associação Nacional de História – ANPUH

### XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

#### **O projeto civilizador nas frentes pioneiras paulistas: as relações de gênero no âmbito do público / privado**

Lídia Maria Vianna Possas<sup>1</sup>

**Resumo:** Estudo das cidades paulistas e das frentes pioneiras objetivando rever a construção social e cultural das distinções baseadas nos sexos, pontuando especificidades históricas através da “história do lugar. Busca-se entender as distintas instâncias do processo de modernização que adentrou o Oeste paulista, com a expansão cafeeira e o *rush* na primeira metade do séc.XX, desconstruindo as idéias de um cosmopolitismo “harmônico”. A investigação realizada em inquéritos policiais e jornais evidenciou movimentos sutis de disciplinamento que produzem as relações de exploração e de poder e que deixam marcas profundas na construção das representações coletivas e individuais de gênero bem como a reprodução dos estereótipos

**Palavras Chaves:** Cidades Paulistas; Gênero; Representações.

**Abstract:** Studying of the paulista cities and the pioneer fronts aiming at reviewing the social and cultural construction of the distinctions based on sexes, punctuating historical specificities through the history of the place. It is intended to understand the distinct instances of the modernizing process that reached the paulista west, with the expansion of the coffee cultivation and the rush of the first half of the twentieth century, demolishing the ideas of a harmonic cosmopolitan way of life. The investigation conducted in police enquiries and newspapers showed evidence of delicate ordering movements that create the relation of exploitation and power that leave deep marks in the construction of the collective and individual gender representations as well as the stereotype reproduction.

**Keywords:** Paulista cities, Gender, Representation

Meu trabalho de pesquisa sobre as cidades paulistas e as frentes pioneiras a partir do final do séc. XIX procura superar a visão do “progresso desencantado” (Diehl, 222, p.35) e demonstrar uma intensa pluralidade de sujeitos e temporalidades existentes ao observar as minúcias em uma determinada realidade concreta. São indícios, revelados aqui e ali que certamente passariam despercebidos se não fosse o historiador atento ao seu ofício .

---

<sup>1</sup> UNESP, Campus de Mariílla. Docente do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas. Publicação: Mulheres, trens e trilhos. Modernidade no sertão paulista. Bauru, EDUSC, 2001

Para tanto tornava-se necessário apurar não só o olhar para decifrar o cotidiano, as relações e as práticas sociais através de uma hermenêutica mais sensível, refinando as ferramentas de análise, como a categoria “gênero”. E nesse caso verificar como as diferenças sexuais, que não são naturais, podem ser resignificadas para enfrentar a dinâmica das transformações da sociedade e confirmadas por um discurso jurídico e médico. A história das cidades precisavam ser exploradas novamente.

A pesquisa teve início debruçando-se sobre o estudo das *urbes* do oeste paulista, em uma região conhecida por “boca do sertão”, a “última fronteira para a civilização”, demonstrando as especificidades históricas através da “história do lugar e construção das relações de gênero<sup>2</sup>”.

A investigação realizada evidenciou o que denominamos de circularidade social, movimentos sutis, de disciplinamento que produzem as relações de exploração que “não são econômicas”, mas que deixam marcas profundas, como a relação de poder e as formas de controle entre homens e mulheres, jovens e idosos, adultos e crianças, homossexuais e heterossexuais, as elites e segmentos populares, vistos como “produtos” para a ação dos estados e de políticas públicas.

Esse disciplinamento prevê a homogeneização de atitudes, de determinação de valores e de comportamentos que são colocados como naturais e, com isso, reforçam os preconceitos, sejam eles religiosos, raciais, sexuais.

Reverendo e reconstruindo a **história dos lugares** a partir do final do séc. XIX e principalmente após o advento da República e atingindo o período getulista de 30 foi possível evidenciar, através da pesquisa empírica e qualitativa e do acesso a uma documentação inédita voltada para o estudo do cotidiano – Inquéritos Policiais – como se estruturavam as relações e as formas de controle social e de reordenação do poder local frente a inserção de múltiplos sujeitos que viviam e temporalidades assimétricas e não lineares como defendia a história tradicional.

Focando mais de perto os Inquéritos Policiais que envolviam mulheres percebi como elas possuíam distintos comportamentos frente às normas impostas pelas relações de poder que avançavam diante da frenética formação das cidades paulistas. Tomei inicialmente como foco as “**mulheres sós**”, aquelas que chegavam sem famílias, desacompanhadas. Vinham, pelos trens e trilhos muitas vezes sem emprego, buscando

---

<sup>2</sup> Ver Possas, L.M.V. Mulheres, Trens e trilhos. Modernidade do sertão paulista”, op cit; “Marília, uma cidade plural”, Diário de Marília, 2003, p.4

alguma forma de sobrevivência nessas frentes do oeste paulista onde tudo acontecia, e onde o “dinheiro corria” conforme anunciavam os anúncios dos jornais locais. Depois com as funcionárias da Estrada de Ferro Central do Brasil, do Rio de Janeiro que eram transferidas para os Escritórios da Noroeste.

Na sua maioria tanto uma como outra passavam a residir nas pensões da cidade de Bauru onde, algumas dessas casas, tornaram-se famosas por seus nomes afrancesados como *Bataclan*, *Maxims* e por oferecer uma intensa vida noturna conforme se depreende da sensibilidade poética de Rodrigues de Abreu, celebre dândi provinciano:

*“Cidade de espantos*

*Carros de bois geram desastres com máquinas Ford*

*Rolls Royces encalham beijando na areia*

*Casa de taboas mudáveis nas costas;*

*As avenidas paulistas...*

*Cidades de espanto!!!*

*A febre de lucro que move seu homens nas ruas do centro*

*e a pecaminosa alegria dos teus bairros baixos...;*

*Eu já tomei cocaína em teus bairros baixos onde há Milonquitas de pálpebras murchas e olhos brilhantes!”*

O poeta não consegue escapar às sensações que a cidade desperta.

Um outro observador, o jornalista Breno Ferraz, que como colaborador escrevia crônicas para o Estado de São Paulo (1924) percorria as cidades do interior paulista procurando revelar as diferenças entre elas, seus modos de vida, sua gente e dizia: “Botucatu era uma cidade importante com renome de capital; Lençóis uma pequena colméia de trabalho; Agudos onde o patriarcado ostenta em nobre pujança do valor moral e, bem Bauru, via ela como algo diferente, feito na ponta dos trilhos, improvisada, indisciplinada...” (Ferraz, 1929)<sup>3</sup>

O poeta e o cronista me dão pistas, valiosos indícios.

Foi justamente buscando as matrizes dessas representações de *desorganização*, de *improvisação* que me levaram a buscar uma documentação que me permitisse identificar a concretude de tais sentidos e percepções.

<sup>3</sup> Ferraz, B. *Cidades vivas*. São Paulo: Monteiro lobato, 1924.

Na primeira metade do séc. XX as elites agrárias controlavam o poder político do país através do Estado Oligárquico. Esse poder era reforçado e justificado por um discurso que apontava o progresso como finalidade social. Com isso praticou-se o genocídio indígena reinventado em pleno séc. XX; retomou-se a exploração de homens e mulheres no mundo do trabalho em situações desumanas nas fábricas e fazendas; houve a depredação da natureza devidamente implementada pelos conhecimentos tecnológicos e científicos impondo a disciplina e ordem interna com a ampliação de um aparato jurídico policial garantido pelo discurso médico (Neckel e Alli, 2003)<sup>4</sup>.

É evidente que essa expansão carregada de indivíduos, homens e mulheres, transformou os lugares até então dominados pela natureza hostil. Uma dinâmica social própria se instalou evidenciando uma série de outras práticas e comportamentos que não podem ser considerados como meros reflexos da Capital - São Paulo. Improvisam-se papéis e formas de sobrevivência. Essas cidades paulistas logo foram notícias de jornais evidenciando a criminalização de práticas como espancamentos de mulheres, de certos hábitos como o aborto, o infanticídio e o abandono de crianças em casas e praças.

O espantoso processo de modernização implementado pela economia cafeeira vinha acompanhado de novas tecnologias, além da ferrovia. Logo com o acesso ao rádio e o cinema, o telex e o telefone disseminaram-se de hábitos e costumes mais cosmopolitas que serão apropriados pelos homens e mulheres das cidades paulistas do interior.

Percebe-se uma verdadeira revolução científica e tecnológica provocando mudanças substanciais no comportamento e nos valores de uma sociedade ainda ruralizada .

Desenvolveram-se formas de sobrevivência e de resistências frente ao poder instituído, burlando as normas impostas por papéis prescritos, principalmente no que tange a presença feminina. Com um olhar hermenêutico, decifrador, consegui desvelar o funcionamento dos micro-poderes, os “mecanismos de força que funcionam fora, abaixo, ao lado dos aparelhos de Estado” (Foucault, *Microfísica do Poder*, 1979) evidenciando as sutis formas de resistências de muitas mulheres que improvisaram e romperam os papéis.

São Paulo, a cidade capital, vivia nesse momento seu crescimento urbano espantoso com 577% , incluindo a imigração de europeus e orientais A verticalidade dos edifícios passaram a sobrepor a horizontalidades das casas e dos movimentos urbanos , das relações que se tornam mais individualizadas e voltadas para o privado; o ritmo das

---

<sup>4</sup> Ver trabalho e pesquisa sobre as práticas do aborto e infanticídio sendo criminalizadas em Florianópolis entre 1900 e 1950. Práticas Proibidas, Joana Maria Pedro( org). Florianópolis, Cidade Futura, 2003

construções e a presença das surpreendentes máquinas que ainda expõem os sentimentos inexprimíveis no dizer do poeta!

E nesse momento também que o feminismo brasileiro, enquanto um movimento de mulheres mais organizado, ganhou maior visibilidade<sup>5</sup>.

É nas ruas que as coisas, os movimentos sociais e políticos, como os comícios passam a acontecer diante do fenômeno da “multidão em cena”. Uma sexualidade mais exposta é a condição do acesso de homens e mulheres que passaram a conviver publicamente. Observa-se nos jornais e revistas circulantes que há uma transformação de práticas costumeiras, agora categorizadas como “crime”.

A disciplinarização das relações de gênero ganha maior ênfase, trazendo a necessidade da redefinição dos papéis normativos para as mulheres, inclusive aquelas mais íntimas, como controle dos corpos através de aparatos jurídicos que buscavam moldar os corpos e as mentes. Esses fenômenos, que não são naturais, são explicáveis no complexo processo de modernização/modernidade da sociedade paulista. O monopólio legal da violência justifica o processo civilizador que se assenta na formação das consciências conduzidas pelas normas, por uma ética, por uma moral, por uma forma de entender a vida e as relações sociais através da “autodisciplina” e do “autocontrole” (Giddens, 1991)<sup>6</sup>

Aperfeiçoando as ferramentas teóricas (Foucault, Bourdieu) e principalmente as recentes contribuições de Judith Butler<sup>7</sup>, Linda Nicholson<sup>8</sup> e de um dos primorosos textos de Joana M. Pedro evidenciei a construção das relações de gênero, entendendo sim como relações de poder entre homens e mulheres, historicamente e culturalmente construídas, porém atenta de como o termo “Gênero” pode ser repensado em relação ao termo “sexo”, pois, apesar da afirmação de que são coisas diferentes, era sobre o sexo biológico que se constituiu a identidade de gênero e, no caso especial dos movimentos gays e lésbicos, estes termos não coincidem<sup>9</sup>.

---

<sup>5</sup> Movimento de mulheres, que desde os anos 20 vinham reivindicando a participação das mulheres na vida política e acesso ao voto.

<sup>6</sup> Ver Anthony Giddens, “As Conseqüências da Modernidade”, São Paulo, Editora da UNESP, 1991, p.p.61-86

<sup>7</sup> Butler, Judith. Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

<sup>8</sup>. Interpretando o gênero. Revista Estudos. Vol 8, n.2, 2000, p.9-41.

<sup>9</sup> Ver os suportes teóricos trazidos por estas discussões de Thomas Laqueur e Judith Butler.

Debrucei sobre a análise documental dos **Inquéritos Policiais**, provenientes da Comarca de Bauru, criada em 1910 e que reúne uma vasta documentação jurídica da região compreendendo outras cidades paulistas.

Um dos primeiros casos foi o suicídio de Maria Antônia Firmino<sup>10</sup>, 23 anos, “*meretriz muito antiga da cidade*” que morava na pensão Bataclan, próxima à estação ferroviária, onde “*mercantiava (sic) o seu corpo*”. Segundo exame cadavérico realizado, ingeriu veneno formicida “Tatu” pondo fim a uma vida ligada “*ao comércio carnal, onde a desgraçada entregava-se ao álcool*”.

O Inquérito Policial, vinha acompanhado de uma fotografia que fora encontrada junto ao corpo da vítima e fora anexada aos autos, não sendo publicada nos jornais. Trata-se de uma cena de um bar que ficava provavelmente junto à ferrovia e onde várias mulheres, identificadas como meretrizes, e alguns homens tomam cervejas, aliás, um número expressivo de garrafas são expostas, e fumam, num ambiente de descontração, de natural sociabilidade na rotina diária dos novos hábitos.

Dois personagens foram identificados por um “X”: a vítima e um jovem<sup>11</sup>, apontado como um dos possíveis motivos da “*infeliz atitude da tresloucada*”, ou seja o romance impossível de ser vivido”.

No Inquérito os homens(5) identificados na fotografia foram os primeiros a testemunharem sobre o incidente, alegando na sua maioria “*pouco ou quase nenhum conhecimento sobre a vítima*”, apenas quando ela e suas “*amigas*” freqüentavam o bar.

A mulheres que estavam na foto(3) conheciam Maria Antonia da pensão onde duas delas também residiam. Deram referências pessoais, suas constantes dificuldades financeiras e os diversos expedientes que lançava mão para sobreviver.

O texto jurídico ao emitir parecer final aponta a vida das “mulheres públicas” e de seu cotidiano evidenciando o ambiente reservado dos prostíbulos. Inquérito Policial de 06/05/1938 e da natureza sobre esse tipo de mulheres .

A notícia saiu no jornal local , confirmando através do discurso saneador e moralizante as representações de uma cidade que precisava estar mais atenta aos valores e tradições familiares.

---

<sup>10</sup> Inquérito policial de 06/05/1938, arquivado 12/38 no Fórum de Bauru. A notícia do suicídio saiu na coluna policial do *Correio da Noroeste.*, Bauru em 06/05/1938, p. 3. Caso lembrado por Hermínia Malheiros, ferroviária-escriturária, como exemplo de uma mulher de vida desregrada, porém infeliz no amor.

<sup>11</sup> No Inquérito Policial foi identificado como Pedro Correia, solteiro, artista teatral, da cidade de Laranjal e residindo na pensão Bataclan e trabalhando no Cabaret Maxim. Despertou os sentimentos de Maria Antonia Firmino que tinha por ele mais que amizade., por isso os dois, na foto, estavam assinalados uma vez que mantiveram relação mais íntima.

Para isso é preciso um novo olhar do historiador sobre o passado, não para enfatizar o seu caráter de repetição dos fatos e de natureza pedagógica, mas para desconstruir os mitos sobre a criação da mulher que reforçaram a construção do imaginário, ora de culpabilidade e ora de sua inferioridade intelectual. Ao fazer a releitura do passado, a partir de situações concretas, colhendo todos os fragmentos e indícios possíveis é possível observar as mulheres improvisando outros papéis fora das normas prescritas e revelando formas distintas de estar presente no cotidiano e na sociedade.